

## DOIS FILMES E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NA ORALIDADE<sup>1</sup>

Mônica Sette Lopes<sup>2</sup>

“Ai, palavras, ai palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Todo o sentido da vida  
principia à vossa porta;  
o mel do amor cristaliza  
seu perfume em vossa rosa;  
sois o sonho e sois a audácia,  
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,  
ai! com letras se elabora...  
e dos venenos humanos  
sois a mais fina retorta:  
frágil, frágil como o vidro  
e mais que o aço poderosa!”

(Cecília Meireles, *Palavras aéreas*. Romanceiro da Inconfidência)

Numa das últimas aulas da disciplina Direito e Comunicação, revistei com os alunos um filme da década de 70, *Muito Além do Jardim* (Being there)<sup>3</sup>. À alegria de vê-los experimentando algo que nunca haviam assistido, somou-se o encantamento de reviver com eles as cenas em que o jardineiro, interpretado pelo excelente Peter Sellers, permite, involuntariamente, que cada pessoa reconheça suas verdades mais

---

<sup>1</sup> Este texto foi elaborado em outubro de 2010 para publicação no jornal *Voz Acadêmica* do Centro Acadêmico Afonso Pena da FDUFG, a pedido dos alunos que queriam algo sobre liberdade de expressão, e é, de alguma forma, complementar de LOPES, Mônica Sette. A formação do juiz para a oralidade: relato, memória e pedagogia do direito não escrito In: MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva, DELGADO, Maurício Godinho, PRADO, Ney, ARAÚJO, Carlos. *A efetividade do direito e do processo do trabalho*. Rio de Janeiro : Elsevier, 2010, p. 137-177.

<sup>2</sup> Juíza da 12ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito da UFGM e residente do IEAT/UFMG. Doutora em filosofia do direito.

<sup>3</sup> Lançado em 1979, com direção de Hal Ashby.

profundas por meio de silêncios e metáforas que passam a impressão de ele ser *todo ouvido*.

Mas, na perspectiva do exercício pedagógico, a proposta era obrigá-los a enfrentar os vários lados da comunicação oral e, por isto, como contraponto, também viram *Verdades que matam* (Talk Radio)<sup>4</sup>. O monólogo rascante imposto pelo radialista, mesmo quando dialoga, constituiu uma tentativa de introduzi-los nos riscos e implicações de suas manifestações nas cenas múltiplas de franca expressão oral de que serão agentes com seus corpos e sentidos.

Dois filmes em que a palavra falada é o personagem que agrega ou desagrega. Dois filmes em que a palavra falada consigna o exercício vivenciado da liberdade de expressão, mas com fórmulas e efeitos variados. Um em que o personagem entremeia o silêncio com a impressão de cuidado e assertividade. Outro em que o personagem não dá tempo para que a fragilidade das palavras alcance o sentido e se transforme em compromisso com as relações que ele estabelece com seus ouvintes. Um em que a voz faz viver de novo. Outro em que a voz mata.

É preciso que os alunos percebam e discutam, enquanto estão conosco, os efeitos da palavra falada na imediatidade dos contatos humanos e avaliem as repercussões disto para o direito que constitui, em grande parte, uma experiência oral, porque esta é a forma de comunicação preponderante de todas as atividades que antecedem a formalização do ato escrito da decisão, assim compreendidos, numa escala talvez perigosamente estendida, desde os atos administrativos (normalmente antecidos de reuniões ou sessões de órgãos públicos), os legislativos (normalmente antecidos pelos debates e pela pressão oral dos lobbies), judiciais (normalmente antecidos das audiências e dos contatos entre partes, advogados, servidores e juízes ou das sessões dos tribunais). Porque a oralidade é a forma predominante pela qual um volume significativo dos conflitos se manifesta ou é recuperado no futuro em que se coloca como objeto de apropriação pelo direito (na prova, na investigação, nas tentativas de conciliação).

A imprescindibilidade de enfrentar estes temas parte da convicção de que a forma como se dá a comunicação ou o modo como a palavra é dita pode comprometer a substância da mensagem e pode, numa síntese precária e arriscada, levar à injustiça. Pode trazer vida ou morte para as pessoas, as instituições, ainda que na esfera diáfana da qualidade e da salubridade dos vínculos e das relações interpessoais em que é sempre possível a transformação da interlocução em assédio.

---

<sup>4</sup> Lançado em 1988, com direção de Oliver Stone.

Quando se cuida de liberdade de expressão, portanto, independentemente do meio pelo qual a mensagem se expanda ou se transponha está-se sempre reafirmando a presença de nossos corpos vivos em contato com outros corpos e a nossa responsabilidade pela tensão que permeia este trânsito pelos vários âmbitos de poder em que as relações de travam.

Nas salas de audiência, nas salas de aula, nas salas de reunião, nas salas de sessão dos tribunais, nos plenários, a voz e a palavra, que podem se perder à falta de registro, expressam, no calor do afago ou na audácia do impensado abrupto, a extensão de uma posição política que atinge o outro e que pode acomodar o dissenso ou insuflar o conflito. Não há controle possível sobre o exacerbado do verbo. Basta às vezes uma palavra para romper definitivamente o fluxo da comunicação em escala de alteridade. E dita essa palavra, estará para sempre marcada a relação pela dor insuperável da fúria e da derrota.

Um juiz me contou, dia desses, o caso da advogada já idosa que disse a ele que, naquela altura de sua vida profissional, ela não se importava mais com o fato de ganhar ou de perder causas. Estes riscos inerentes no processo ela compreendia a partir da tecnicidade e usava o recurso em relação aos resultados insatisfatórios. Mas, disse ela, o que não conseguia superar era o fato de ser maltratada nas salas de audiência. Juízes poderão emendar essa sensação de insuficiência no processo da comunicação com suas histórias de ter que suportar a agressão oral que dilacera.

Ao tentar mostrar aos alunos o poder que tem a nossa voz como meio de construir consenso ou de instilar conflito vislumbrei apenas uma pequena fresta na perspectiva de prepará-los para os riscos das palavras aéreas, como no voo sinuoso desenhado por Cecília Meireles no poema sobre o julgamento dos homens de Minas que tentaram expressar a liberdade de ser. Porque a palavra é o sonho, mas é também audácia, calúnia, fúria, derrota.